

Local Conference Call
CPFL Energia
Resultados do Quarto Trimestre de 2013
28 de março de 2014

Operadora: Bom dia e obrigada por aguardarem. Sejam bem vindos à teleconferência dos Resultados do Quarto Trimestre de 2013 da CPFL Energia.

Conosco hoje estão presentes os executivos Wilson Ferreira Júnior, Presidente da CPFL Energia, bem como outros executivos da companhia.

Esta teleconferência está sendo transmitida simultaneamente pela Internet no site de Relações com Investidores da CPFL Energia no endereço: www.cpfl.com.br/ri, onde poderá ser encontrada a respectiva apresentação para “download”. Informamos que todos os participantes estarão apenas ouvindo a teleconferência durante a apresentação da empresa e em seguida iniciaremos a sessão de perguntas e respostas, quando maiores instruções serão fornecidas.

Caso algum dos senhores necessite de alguma assistência durante a conferência, queiram, por favor, solicitar a ajuda de um operador digitando asterisco zero. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada.

Antes de prosseguir, gostaríamos de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante essa teleconferência relativas às perspectivas de negócios da CPFL Energia, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em crenças e premissas da diretoria da Companhia bem como em informações atualmente disponíveis. Considerações futuras não são garantias de desempenho. Elas envolvem riscos, incertezas e premissas, pois se referem a eventos futuros e, portanto, dependem de circunstâncias que podem ou não ocorrer.

Investidores devem compreender que condições econômicas gerais, condições da indústria e outros fatores operacionais podem afetar o desempenho futuro da CPFL Energia e podem conduzir a resultados que diferem, materialmente, daqueles expressos em tais considerações futuras.

Agora gostaria de passar a palavra ao Sr. Wilson Ferreira Junior. Por favor, Sr. Wilson, pode prosseguir.

Sr. Wilson Ferreira Jr.: Muito bem, muito bom dia a todos e a todas, investidores, analistas que nos acompanham nessa divulgação dos resultados do quarto trimestre de 2013 e do ano de 2013. Agradeço a atenção de todos.

Passo imediatamente ao assunto da página 3 começando a nossa apresentação antes dos highlights com um update da situação, das condições energéticas do sistema. Temos sido bastante abordados sobre esse tema e eu passo então a compartilhar a posição que nós temos do nosso reservatório equivalente do sistema interligado nacional (do SIN), nesta data com 40,2% e com expectativa de concluirmos o mês no começo da semana que vem com um enchimento da ordem de 41% no mês de março.

O gráfico abaixo ele demonstra a chamada energia natural afluenta que são os volumes de água propriamente ditos circulando nas cascatas dos rios e onde a gente consegue perceber

naturalmente o problema que estamos enfrentando ao longo do ano de 2014 com esse gap entre o valor esperado na chamada média de longo termo (MLT) e as chuvas propriamente ditas, os volumes de água natural afluyente, de energia natural fluente nos rios na região sudeste e centro-oeste onde há praticamente 70% da capacidade de armazenamento brasileira.

Vocês observam que esse fenômeno ocorreu também no ano de 2013, na verdade começando por dezembro de 2012 também com um gap de energia natural afluyente em relação à média de longo termo. Então essa circunstância, no entanto, ao longo do ano de 2013, a gente pode observar a partir de abril que nós já tivemos chuvas acima da média de longo termo e esse comportamento se verificou praticamente ao longo do ano inteiro, razão pela qual ao longo do ano de 2013 nós tivemos, apesar de um gap de geração no início do verão, nós tivemos uma média superior a 100% do MLT (mais precisamente 102).

Vocês podem observar quando nós vamos para página 4 um pouco desse detalhamento. Portanto, como eu havia colocado no período correspondente a janeiro e mesmo março nós tivemos 11% no ano passado... 11% abaixo da MLT, no entanto fruto de chuvas maiores e portanto de volumes maiores de água circulando pelos rios nós tivemos no período seco 18% acima, o que permitiu então como eu havia colocado anteriormente o ano, apesar de começar abaixo, terminar ligeiramente acima da média na base anual.

É evidente pelo gráfico que a gente tem uma situação agravada nesse início de ano (janeiro, fevereiro - principalmente fevereiro, onde a gente tem a maior afluência de ENA no sistema interligado - e mesmo mês de março, com um volume 37% abaixo do MLT). Então obviamente uma situação que inspira cuidados e essas providências estão sendo tomadas.

Na página 5 nós já vemos aqui um pouco neste período recente a situação já foi pior, ela vem melhorando. Nós estamos na região sudeste, centro-oeste com a previsão de 64% (estamos em 63) e o sul tem surpreendido positivamente, e aí a vantagem de nós termos um sistema interligado muito mais robusto que no passado e então o sul de alguma maneira permite armazenamentos no sudeste por conta da interligação e da transferência de grandes blocos de energia do sul (que está hoje com 170% do MLT), na previsão da ONS para o próprio mês de 166.

A gente pode observar também no lado direito essa anomalia de precipitação acumulada no Brasil em março, e então a gente vê na região sudeste - eu peço a atenção de vocês especialmente na fronteira do estado de Minas com Goiás e de Minas com São Paulo, além do próprio estado de São Paulo - a gente observa nessa cor mais alaranjada, mais amarelada, evidentemente essa é a circunstância de menos chuva que tivemos ao longo do mês de março.

Mas essa situação tem se alterado bastante como eu falei, principalmente nos últimos dias, e a região sudeste então já começa a experimentar volumes maiores de chuva e isso tem naturalmente - e o próprio gráfico demonstra - que a região sul (bastante azul) tem permitido essas transferências conforme eu havia falado. A previsão que o ONS já compartilha para o mês de abril para esses mesmos dois sistemas é de 83% na região sudeste e de 120% para a região sul.

Muito bem. Um dado importante está na página 6 e diz respeito aos fenômenos. Para que a gente gere energia natural afluyente é necessária que todas as bacias estejam umedecidas. Essa situação de um calor muito forte com pouca chuva ele vai, além dos efeitos de evaporação dos próprios reservatórios, nas suas margens eles começam a ficar bastante secos e isso impede, mesmo com a ocorrência de chuvas, a afluência de água ao longo da cascata.

Essa situação então tem que ser monitorada sob o ponto de vista desses dois elementos colocados aqui e que podem ser bastante claros para vocês na figura: é a água disponível no solo (é a água mais superficial) e então vocês observem que a situação que nós tínhamos em 28/2 - lembrando que nesta área que nós estamos colocando elas estavam mais para o amarelo e para o verde, onde nós estamos falando a cerca de 40%. Quando vocês observam um mês à frente (no dia 25/3) essa medição já é bastante mais favorável e nós estamos falando de coisa na casa de 70%, 80%, quer dizer, nós já temos água superficial.

E obviamente isso é naturalmente acompanhado anteriormente pela capacidade hídrica no solo, numa medida mais profunda. Esse umedecimento dos lençóis freáticos, etc., então a gente observa também uma mudança de comportamento, o que permite dizer que as chuvas que passam a vir têm capacidade de gerar energia natural afluenta por conta de fluxo. Antes de o solo estar úmido elas vão invadindo o solo, essa circunstância que ocorre aqui muito claramente entre o final de fevereiro deste ano e o final de março deste ano. Então agora naturalmente com a ocorrência de chuvas essas chuvas se transformam diretamente em energia natural afluenta para encher esses reservatórios para gerar energia.

Nós procuramos também colocar aqui na página 7 essa energia natural afluenta no período seco. Aqui é importante que nos últimos dez anos o período seco tem sido mais favorável sobre o ponto de vista da média de longo termo do que... tanto quanto o período úmido tem sido menos favorável, mas na verdade quando a gente olha aqui o que ocorreu nos últimos dez anos em termos de energia natural afluenta nesse período seco (correspondente a maio a novembro) na região sudeste ele tem ficado na média de 107%.

Observem que alguns anos até com valores bastante expressivos como caso de 2009 com 135% e o menor valor desse período de dez anos em 92%. Essa circunstância se rebate, naturalmente a importância do reservatório do sudeste para efeito do sistema interligado nacional (como eu falei 70% do volume é da região sudeste) e nós chegamos no sistema interligado nacional com a média dos últimos dez anos de 105% do MLT tendo assim o menor valor em cerca de 89% e o maior valor em 136.

Obviamente tentando pegar esta circunstância e considerando aqui a perspectiva já bastante provável de chegar a 41% de armazenamento no sistema interligado nacional no começo da semana que vem (final de março, 41%) e aí nós simulamos com as três circunstâncias só para ficar bastante... eu sei que os analistas têm sido... que os investidores têm procurado esse tipo de informação de várias fontes e aqui a gente só está adicionado mais uma, e aí tentando incorporar esta visão do que pode acontecer nesse período seco.

Se a gente fosse então para o melhor período de 136% da MLT nós chegaríamos ao final de novembro com 61% de armazenamento, bastante maior do que a gente tem hoje; se a gente fosse, por outro lado, olhar a média dos 65% do MLT (que foi a média dos últimos dez anos nesse período) nós chegaríamos a 40%, que tem sido exatamente o nível de referência dos reservatórios ao final do período seco; e aí sem dúvida nenhuma se tivermos uma situação como aquela verificada em 2012 nós teríamos o reservatório chegando a 25%. Então evidentemente em ficando numa média semelhante ao que aconteceu nos últimos dez anos nós terminaríamos o período seco com algo em torno de 40%, situação de referência dos últimos anos como pode ser observado no primeiro gráfico que a gente havia colocado.

Então para fechar esse assunto eu levo à consideração de vocês duas coisas: primeiro é referente ao tema da umidade do solo. Nós agora - tardiamente mas já temos - condições por conta da

umidade do solo de acumulação de energia natural afluenta facilitada com chuvas nesse período, gerando então fluxo de água capaz de gerar e acumular energia. Esse é o primeiro ponto.

E o segundo ponto é esse que eu mostrei na figura anterior: o período seco, a exemplo dos anos anteriores, pode surpreender. O histórico recente indica que as chuvas do inverno podem contribuir para a manutenção dos reservatórios. Obviamente é certo que teremos ao longo desse período um despacho intensificado de geração termelétrica para dar a efetiva garantia de segurança que o sistema de fato precisa.

Eu só estou ponderando também para que a gente faça essas considerações - e elas acabam sendo individuais - mas colocando aqui um pouco da nossa posição tanto os aspectos negativos quanto especialmente os positivos, para dizer que nós não temos de nenhuma maneira condição de prever o que vai acontecer para frente com segurança para afirmar: olha, vai acontecer este ou aquele evento.

Em princípio porque há um elevado grau de incerteza nas previsões meteorológicas. As previsões meteorológicas são, eu diria assim, um nível de acerto maior do que 50% para uma semana; a partir disso trata-se de especulação, e por conta disso e já dado que o nosso sistema ele precisa de água e existe um comportamento típico ao longo do tempo - nós medimos isso desde 1931 - e então evidentemente nós estamos falando de um fenômeno que muito razoavelmente, eu diria assim, é impossível prever com absoluta segurança: vai acontecer um evento ruim ou vai acontecer um evento bom.

Se a gente for pela média e pela probabilidade da média eu diria, olhando os gráficos anteriores, eu diria que a situação ainda é uma situação que naturalmente requer cuidado, mas é uma situação que, se nós formos trabalhar exclusivamente com a média, que nos dá um grau de certeza de que passaremos ao longo desse período em boa condição.

Por outro lado, como eu falei vai ser fundamental a gente ser acompanhado nesse período seco pelo o uso intenso de termelétricas. Aqui eu estou colocando como ponto negativo. As termelétricas brasileiras nós temos algo como 25.000 MW instalados, um quarto delas termelétricas de disponibilidade com condições de logística complexas, de logística complexa para a alimentação de óleo combustível, de óleo diesel principalmente algo que requer cuidado, e obviamente despachadas a um longo período. Então evidentemente nós podemos ter aqui falhas - eu não digo integrais dessas usinas, certamente falhas de alguns motores, etc. - e isso deve ser considerado ao longo desse processo de geração.

É algo para ser considerado, eu não estou afirmando que ocorrerá; mas há a possibilidade de falhas aqui e acolá dado que essas usinas termelétricas são usinas com um conjunto grande de motores. Nós temos uma das termelétricas: são 40 motores de óleo combustível pesado. Então evidentemente é considerado que a gente tenha 95% desses motores em funcionamento e portanto 5% sempre em processo de manutenção.

Acho fundamental colocar para vocês esse tema de dúvida com relação à viabilidade da operação - e eu estou só repercutindo um pouco de notícias mais catastróficas de imprensa que eu pessoalmente não creio ser possível chegar - que é a operação de 10% da capacidade. Eu acho que tem que se trabalhar, naturalmente, para evitar essa situação. Essa situação só aconteceu - e nem ela aconteceu plenamente - no ano de 2001.

E obviamente, também para complementar o quadro potencial negativo, de fatores negativos, o acionamento de térmicas emergenciais que a exemplo de 2001 leva algum tempo para ser complementado.

Fiz questão de colocar os fatores negativos para apontar do outro lado os fatores positivos. A gente tende a olhar sempre para o copo meio vazio, e quero deixar claro que nós aqui no grupo temos uma visão mais forte em cima do copo meio cheio - e aqui nós temos primeiro alguns fatores negativos apenas conjunturais. Tem se falado muito no tema de Itaipu, dos reservatórios que já estão sendo recuperados, e é natural olhar que as chuvas principalmente na região sul estão muito intensas e na região sudeste começaram a ocorrer, e isso alimentando o rio Paraná que deságua no reservatório de Itaipu.

Segunda coisa, as usinas no Madeira. Nós temos aqui as usinas praticamente com uma grande quantidade de máquinas instalada mas a vazão recorde tem impedido de se manter essa geração. Isso a gente vem acompanhando ao longo do tempo e essa situação de vazão deve se regularizar em pouco tempo e aí nós passaremos a contar naturalmente com aquela quantidade grande de energia do Madeira.

Do outro lado é importante também reconhecer que operar com o PLD elevado, especialmente nos grandes consumidores de energia, nos eletro intensivos, isso certamente já coloca a eles opções de rentabilidade maiores com a paralisação de algumas unidades. Então isso acontece de uma forma natural. Dado que energia elétrica responde, em alguns casos, por mais de 50% dos custos e você está tendo energia elétrica hoje sendo liquidada no mercado de curto prazo a valores 6, 7, às vezes, 8 vezes maior do que aqueles em que esses consumidores estão comprados.

Então certamente a possibilidade de auferir resultado através da comercialização desses contratos é uma visão empresarial e ela já acontece. Independente de qualquer coisa obviamente a atividade empresarial procura oportunidades como essa, e dado que nós estamos trabalhando com um PLD já desde janeiro bastante alto, isso tem permitido então a alguns industriais - e a gente percebe isso no próprio comportamento de volumes vendidos ao mercado industrial - lembrando que o mercado livre, que é quem detém essa possibilidade, responde por cerca de 30% dos volumes de energia comercializados no Brasil no ano recente.

Do outro lado, os cálculos de risco de racionamento que têm sido também amplamente divulgados pela imprensa contemplam a necessidade de corte de 4% da carga, o que... certamente esse volume de 4% que impõe riscos - já ouvi falar de 17%, 20%, 25% - mas 4% pode ser trabalhado também com medidas de racionalização e certamente, como eu falei, nesse nível com uma desmobilização de algumas indústrias eletro intensivas que naturalmente fazem isso como uma decisão empresarial.

Então principalmente o momento atual, momento em que a gente tem condições de ter energia natural afluyente; segundo, período seco tal como aconteceu nos anos recentes (nos últimos dez anos) tende a ter na média volumes maiores do que a média de longo termo, e isso é uma característica climática tal qual no período úmido ela tem sido ou atrasada ou menor.

E de que há um conjunto de fatores negativos e positivos que estão aqui colocados simplesmente para a gente ter referência em termos de previsão, mas a principal é aquela: nós temos uma quantidade muito grande (70% da nossa capacidade é hídrica), requer então volumes de água e volumes de água cujas previsões são bastante difíceis de se fazer e de que obviamente seria mais adequado a gente confiar nas médias de longo termo antes de tomar qualquer tipo de conclusão.

É importante destacar também que nós estamos no último mês do período ainda úmido (o mês de abril). Se olharem também naquele primeiro gráfico que eu havia mostrado vão observar que no mês de abril costuma-se ter... aquela curva de enchimento dos reservatórios continua sendo íngreme. Então dado que nós já temos as condições mínimas de afluência com a umidade do solo é bem possível que nós tenhamos um enchimento maior ao longo do mês de abril.

Muito bem. Eu coloco também só para fechar a esse tema na página 9 olhando também a capacidade de dois anos. É bem verdade que atrasos ocorreram; mas vocês observam principalmente no lado direito que o sistema tem uma demanda de 67.000 MW médios para uma oferta de 70, uma sobre... uma sobreoferta de cerca de 2,9, algo como 4% da nossa oferta, e de que esta oferta, a partir deste crescimento que nós temos aqui de 7,6 para o ano que vem contra uma demanda de 3,4 aumenta e se mantém estável uma sobreoferta de 6 GW tendendo a 6,5 dentro de uma oferta de 75, então permitido uma sobre de praticamente 10% da demanda.

Então evidentemente eu diria assim: nós temos uma circunstância de aperto por conta de alguns atrasos e por conta de algumas condições hidrológicas a exemplo do Madeira, que podem, dada a perspectiva de crescimento da oferta nesse prazo, gerarem uma sobreoferta ainda maior.

E finalizar com a página 10 onde nós temos o pacote de medidas para o setor elétrico. Aqui basicamente para compartilhar a nossa segurança em relação às medidas que foram anunciadas, com o aporte do Tesouro de 4 bilhões (já começou para o faturamento de janeiro de 1,2 bilhões) e obviamente recurso suficiente também para que a gente tenha o fechamento da operação de fevereiro.

O trabalho em relação ao empréstimo da CCEE tem a vantagem e o mérito de permitir uma solução setorial que possa ser utilizada de forma perene. Eu acho que aí o setor passa - não digo a ficar independente do Tesouro - mas seria altamente ruim que ele ficasse permanentemente dependente. Então eu diria uma solução inteligente, uma solução que tem que ser, naturalmente, desenvolvida e que se desenvolvida adequadamente pode ser um instrumento a ser utilizado no futuro para qualquer outra infelicidade que a gente tenha vivido agora.

Do outro lado o Leilão A que vai acontecer agora no dia 25 de abril já anunciado, eu acho que um dado importante e capaz de atrair, dada a perspectiva de preço, grandes investidores - o próprio caso da CPFL com a usina de Serra da Mesa - quer dizer, uma operação de 5,5 anos e também com uma possibilidade de atração de térmicas dado o limite de R\$ 300/MWh. Sabemos aqui que é um conjunto de térmicas da própria Petrobrás que podem, nesse prazo, serem atraídas para essa opção.

O nosso desafio é o que está na parte de baixo: é conter essa frustração do montante de reposição de 1,8 GW e de um adicional estabelecido pelo governo de 1,5 chegando então a uma parcela que não está atendida que é a parcela short hoje de 3200 MW médios e que há certamente ativos de geração de energia que nas condições que esse leilão - em termos de preço e que deve ser compartilhado pela regra do leilão quinze dias antes, portanto já no dia 10 nós devemos ter o anúncio desses valores - e eu acredito que o governo, e a gente sabe que o governo está bastante focado em colocar condições que atraiam investidores, que atraiam geradores, eu acredito que a gente vai ter uma redução importante dessa parcela que não foi atendida no leilão A-1 de dezembro.

Feito isso então passamos à página 11 e agora sim falando dos resultados do quarto trimestre da CPFL Energia, onde nós temos aqui como os principais elementos o crescimento de 3,3% que tivemos nas vendas na área de concessão (em termos contábeis de 1,8). Destaques para os

segmentos de baixa tensão melhorando o mix da companhia: crescimento de 6,7 no residencial, 5% no comercial e o industrial embora de forma mais comportada também crescendo 1,1%.

O grande destaque que a gente teve no ano passado - e o quarto trimestre eu acho que é um exemplo disso - é da gestão eficiente de custos. Então o nosso PMSO ajustado uma redução de cerca de 13,3% e isso como parte de uma estratégia de ajuste da companhia com a incorporação de ferramentas (OBZ, centro de serviços compartilhado, projeto Tauron) de tal maneira que, após o processo de revisão tarifária, de forma rápida a companhia responder com custos mais eficientes de tal maneira a neutralizar total ou parcialmente os efeitos da revisão tarifária.

O programa Tauron é outro exemplo disso: um Ebitda de R\$ 52 milhões gerado no ano de 2013, um conjunto de atividades ainda para serem complementadas ao longo desse primeiro semestre de 14 estendendo a aplicação de tablets, a aplicação de workforce mobiles, de telemedicação ao longo desse semestre concluindo essa etapa importante que nos permite reduções também relevantes sobre o ponto de vista de custos de operação.

Na CPFL Renováveis, boas notícias: ganhamos uma parcela no leilão A-5, anunciamos a associação com a DESA e tivemos a entrada em operação de alguns parques que estavam atrasados e nessa semana finalmente nós tivemos a conclusão do complexo eólico Atlântica.

Investimentos de 374 milhões no quarto trimestre, de 1,735 bilhões no ano de 2013. Aqui certamente um atraso de alguns empreendimentos de geração renovável não permitiram à gente chegar aos R\$ 2 bilhões, que era o nosso plano original.

Distribuição de dividendos R\$ 931 milhões referentes ao ano de 2013, sendo R\$ 568 milhões referentes a esse segundo semestre do ano de 2013.

A manutenção do nosso rating AA+ em escala local pela Fitch Ratings para a CPFL Energia e subsidiárias.

As nossas ações continuaram no ISE pelo nono ano consecutivo. Nós somos uma das poucas empresas que está desde a primeira edição deste importante indicador da bolsa de São Paulo.

E aí alguns reconhecimentos também importantes: a gente está destacando aqui o Anuário de Sustentabilidade 2014 elaborado pela RobecoSAM onde a CPFL (é a mesma empresa que faz a avaliação do índice Dow Jones de Sustentabilidade Empresarial) e a CPFL então uma das três empresas brasileiras listadas nesse anuário.

E a Piratininga e a RGE venceram o Prêmio IASC da Aneel nas categorias melhor empresa da região sudeste e sul como as distribuidoras mais bem avaliadas pelos consumidores. O nosso processo não é de uma redução de custos com prejuízo para a população; ele tem que ser feito melhorando a qualidade e é isso que a gente está conseguindo, e isso é a eficácia dos processos de gestão da CPFL.

Aqui na página 12 nós temos as vendas de energia do quarto trimestre. Como eu havia colocado um crescimento na área de concessão de 1,8%. Ele reflete o crescimento do mercado cativo em 0,5% e do mercado dos grandes consumidores que pagam a tarifa de uso pelo sistema de distribuição de 5,1%. O break down dessa circunstância por segmento de mercado encontra-se embaixo e nós já havíamos falado: destaque para o segmento residencial e comercial.

Quando a gente incorpora as vendas das comercializadoras e da CPFL Renováveis, as vendas totais de energia, aqui no box do lado direito embaixo, crescem 1% e isso aqui reflete um crescimento de 71% na CPFL Renováveis fruto desse ramp up e entrega de projetos; um decréscimo de 9,2% da atividade de comercialização e mercado livre mas isso principalmente por conta de uma venda excepcional no ano de 2012 nesse trimestre (uma venda de curto prazo) e então ela pula um pouco e a gente vai ver aqui em base acumulada essa situação é diferente; e um crescimento, como eu já havia colocado, na distribuição de 0,5% nesse trimestre.

Na página seguinte, na página 13, nós temos as vendas em 2013, então crescimento de 3,1% no consumo na área de concessão das distribuidoras, 8% dos grandes consumidores, 1,1 dos clientes cativos da concessionária e aí em valores anualizados o destaque continua sendo para residencial 5,9; 3,6 para o comercial, mas vejam que o industrial cresceu 2%.

Quando a gente vai para as vendas totais, tal qual fizemos há pouco, o crescimento de 4,8%, 61% na atividade de renováveis, 6,5 na atividade de comercialização do mercado livre e 1,1% no mercado cativo.

Nós tivemos um destaque no crescimento na região sudeste, as nossas sete operações de São Paulo crescendo mais do que a média do sudeste, ligeiramente igual no sul. O Brasil cresceu 3,5, a CPFL na área de concessão 3,1 mas é importante destacar aqui um crescimento forte no norte pela integração que tivemos nos sistemas este ano.

Passamos à página 14 aqui só para talvez justificar um pouco das nossas... da nossa perspectiva e do nosso sentimento, a expectativa positiva em relação ao futuro. Então o primeiro gráfico mostra o PIB Brasil crescendo desde 2010 na barra verde e na barra azul a gente vê o crescimento do mercado faturado nas distribuidoras na área de concessão da CPFL Energia, que tem sido ligeiramente superior (desde 2011 um comportamento bastante, talvez, diverso aqui do crescimento do próprio PIB).

A gente verifica a mesma coisa a partir do chamado "consumo das famílias" e o chamado "consumo residencial", e aí só na parte de baixo também olhando um pouco do PIB industrial e o consumo industrial. A gente tem percebido desde 2011 um crescimento superior no volume de energia em relação ao chamado PIB industrial, e isso se deve basicamente ao potencial de expansão de consumo.

O PIB não captura adequadamente essa mudança de padrão de consumo, principalmente no tema da renda, aumento de estoques de eletrodomésticos, alguns programas de governo focados nessa atividade. O próprio perfil demográfico hoje a quantidade de pessoas morando sozinha é cada vez maior, então um menor número de moradores por domicílio (esse fenômeno vem sendo capturado todos os anos) e a própria indústria brasileira que tem pela característica de setores intensivos em energia - o Brasil tem vantagens competitivas nessa área - e o impacto da crise é menor no consumo do que o próprio crescimento do PIB industrial.

Além do que é importante destacar que existem restrições, por exemplo, de paradas repentinas na atividade de eletro intensivos. Então isso tem que ser feito com planejamento dados os custos que você tem para a parada de máquinas, especialmente de fornos.

Quando vamos à página 15 aqui alguns elementos importantes também que garantem principalmente ou que demonstram um pouco a potencialidade dos três segmentos: nós estamos aqui com médias de 2003 a 2013 (portanto os últimos dez anos) e nós viemos crescendo na edição de consumidores residenciais à razão de 3% ao ano. Isso é um novo patamar. O Brasil

instalava algo em torno de 2% na década anterior, o crescimento estava nessa casa de 2 a 2,5, então nós mudamos de patamar e isso reflete esse fenômeno demográfico que nós havíamos falado.

Agora sem dúvida nenhuma o que vem conduzindo de uma forma mais determinada aumento de consumo: a massa real de renda crescendo a 4,9% ao ano (e aqui nós estamos falando também nos últimos dez anos); vendas do comércio crescendo a 7,5% ao ano; venda de imóveis e eletrodomésticos (consomem energia) 13,6% ao ano; e só o crédito que está numa medida de cinco anos, mas o crédito crescendo 18,9% ao ano nos últimos cinco anos; e o crédito imobiliário, o que determina essa quantidade maior de consumidores residenciais, crescendo a 42% ao ano nos últimos cinco anos.

Então são elementos importantes e a gente ver do lado direito a posse de equipamentos, um acréscimo importante no tema dos televisores, refrigeradores e isso até vocês vão começar a experimentar - e nós já temos experimentado neste começo de ano - consumos maiores também, até bem maiores do que os valores que a gente teve ano passado, e isso se deve ao evento principalmente de refrigeradores, que é um equipamento que por exemplo se você está a 18° o refrigerador tem que manter a temperatura a 8, ele está tirando... ele está funcionando para tirar 10. Essa é a situação quase que de estabilidade desse equipamento.

Como a gente está com a temperatura a 28 ele tem que tirar 20° ao invés de 10, portanto ele vai funcionar o dobro da quantidade, e é um consumo silencioso: a gente não desliga a geladeira; a geladeira funciona silenciosamente e consome mais para tirar essa quantidade. Nós verificamos ao longo desse trimestre temperaturas bastante superiores a 30° , o que mais do que triplica o consumo dada a quantidade de vezes que a gente acaba acessando a geladeira para tomar água gelada, e coisas desse tipo, e então evidentemente isso explica a maior posse de eletrodomésticos naturalmente determinando esse consumo residencial maior.

Observem que também no tema industrial a produção no industrial cresceu nesse período 2,4% ao ano e aí nós temos um evento mais recente que é a taxa de câmbio real efetiva, uma desvalorização de 28% que vai certamente impor mais competitividade às exportações brasileiras.

Há também um conjunto de incentivos à própria desoneração de mão-de-obra e aí só para dar um outro exemplo também de uma indústria que tem sido bastante apoiada por incentivos governamentais, a área de veículos crescendo 8% ao ano desde 2003. Então hoje o Brasil já é das maiores potências produtoras e consumidoras de veículos no mundo.

E há o evento da pluviometria: quando a gente tem menos água acaba tendo mais irrigação e nós temos experimentado safras recordes: a de 2013 é uma delas e isso afeta uma das nossas concessões

E na página 16 a gente vê o caso da RGE no Rio Grande do Sul. Essa safra recorde que o IBGE confirmou de 2013 de 26 milhões de toneladas a mais ou 16% em relação ao ano de 2012 (destaque aqui para 13% a mais para o milho e 24% a mais para soja) e o Rio Grande do Sul é o terceiro maior produtor agrícola brasileiro.

Então vocês observem que isso tem afetado todos os segmentos: a produção industrial no Rio Grande do Sul cresceu 6,9% no ano passado e alguns destaques aqui: máquinas e equipamentos crescendo 9,4, borracha e plástico 9,8, veículos automotores (uma unidade grande da General Motors no Rio Grande do Sul) com 17,2.

E observem que nas condições de emprego o Brasil também experimentando uma das suas menores taxas de desemprego de 5,4 e ao mesmo tempo Porto Alegre com 3,5%, é mais do que pleno emprego e observem que acompanhado por aumento de renda. Então do lado direito também a gente vê a massa real de renda de Porto Alegre contra um total das regiões metropolitanas brasileiras. Então há até um descolamento. O tema de máquinas agrícolas a gente pode observar do lado direito um crescimento só no ano passado de 19%.

Então é um conjunto de notícias positivas para o estado e que a gente captura naturalmente na nossa concessão de lá.

Vamos agora à página 17 só para compartilhar, fruto de tudo isso - vendas em particular - os resultados do quarto trimestre de 2013 e eu farei também um apanhado do ano na sequência. Então nós tivemos aqui a receita líquida... em cima nós temos o ano reportado em IFRS, na segunda linha o ano que a gente entende que seja a melhor comparação sob o ponto de vista gerencial que considera o IFRS mais a consolidação proporcional das participações. Vocês sabem que existe a regra nova do IFRS que não permite ela, então para ter uma visão de mais clara dos ativos da própria companhia nós fazemos essa incorporação, e também com a visão - também não capturada ainda pelo IFRS - dos ativos e passivos regulatórios. Então o resultado recorrente mesmo é o de baixo.

A gente observa a receita líquida caindo nas duas medições (IFRS e na gerencial) e aqui certamente afetados pela redução das tarifas de energia logo no começo do ano de 2012... 2013 perdão. Na sequência disso a gente tem o crescimento de 25% do Ebitda em IFRS e a queda de 13,8 que é o que nós julgamos seja a mais adequada, e isso daqui captura em grande medida os eventos de revisão tarifária de Paulista e de RGE que ocorreram Paulista depois de abril e RGE depois de junho.

E o lucro líquido na base reportada em IFRS um crescimento de 68% chegando a R\$ 323 milhões. No entanto na base recorrente, uma queda de 14% (de 72 milhões) chegando então a 425 milhões. Esse é o valor, embora seja o valor recorrente superior ao reportado.

E aqui é um conjunto de elementos que determinam essas variações entre o IFRS e o valor gerencial: primeiro, como eu já havia colocado, vocês veem os efeitos da consolidação proporcional de ativos - no nosso caso principalmente dos nossos ativos de geração onde nós temos o controle compartilhado apesar de termos posições majoritárias sobre o ponto de vista do percentual - e a própria visão dos ativos e passivos regulatórios com valores expressivos: no quarto tri nós estamos falando de 102 na consolidação proporcional e 75 dos ativos e passivos regulatórios. Esses impactos são acompanhados aqui no lucro líquido.

Eu acho que de destaque dos eventos que a gente selecionou de não recorrentes basicamente a compra de energia para compensar os atrasos em alguns empreendimentos da CPFL Renováveis, empreendimentos esses já conclusos na data de hoje, e a alienação de ativos e é positivo: alguns imóveis das distribuidoras que vendemos ao longo do quarto trimestre de 2013. Os demais eventos são eventos não recorrentes ocorridos no quarto trimestre do ano passado, como principalmente baixa de ativos, reforços que fizemos de provisão, ajuste de PDD, etc.

Então isso gera uma diferença no Ebitda de R\$ 223 milhões, então olhando para cima de 912 para 1135 e no lado do lucro líquido um acréscimo de R\$ 102, olhando para cima no quarto tri 323 contra o valor reportado... de valor reportado contra 425 na base recorrente.

Uma explicação desses valores a gente encontra na página 18. Nós estamos basicamente explicando então o valor de... a variação de 25% ou de 13 na base gerencial, mas basicamente nós estamos tratando aqui do crescimento de 25% na base reportada. Então ele ocorre em primeiro lugar como eu falei da redução de receita líquida: foram 333 milhões e a principal contribuição vinda da distribuição e essa é exatamente a redução das tarifas promovidas em janeiro de 2013. Esse é o principal elemento. No mercado cativo isso significou quase 400 milhões com acréscimo de TUSD de 48.

Na atividade de comercialização vocês se recordam, no ano passado até haver a regularização do novo preço do PLD, a incorporação do CVA, o mercado ficou bastante de lado e nós tivemos então uma redução de 64 milhões na comparação com ano anterior. E tivemos aqui o acréscimo de geração convencional (são basicamente os contratos indexados de CPFL Geração) e na CPFL Renováveis mais do que os contratos também a entrada de alguns empreendimentos com 57 milhões.

Destaque para a redução de 8,9% no custo de energia e encargos e aqui principalmente acompanhando a redução de tarifas a redução de encargos de 50%, e aí um aumento líquido menor (de 1,2% no custo) com energia comprada, lembrando que isso já está líquido deste aporte de R\$ 107 milhões de CDE. Então tivemos um acréscimo de 23 milhões com energia comprada. E aí outro destaque a redução das despesas gerenciáveis de pessoal, material, serviços e outros de 303 milhões.

Alguns eventos não recorrentes: a alienação de ativos que eu havia comentado de R\$ 25 milhões; despesas judiciais e legais no quarto trimestre no ano anterior, 164 milhões; e a baixa de ativos que também ocorreu no ano anterior no valor de 42 milhões. Eu acho que neste ano o destaque vai para a redução de custo com pessoal, R\$ 28 milhões no trimestre, os serviços de terceiros 23 milhões, e isso são atividades decorrentes da implantação ou da consolidação já neste momento do orçamento base zero. Por equivalência patrimonial trazemos mais R\$ 18 milhões e eventos menores e outros negativos em 6 milhões. Então aqui certamente destaque é a redução de PMSO que a gente fará um detalhamento um pouco mais à frente.

Quando a gente olha o lucro líquido, lembrando na página 19, o aumento do Ebitda de 25,5% que nós acabamos de explicar (são 727 milhões no quarto trimestre de 2012 e 912 no quarto trimestre de 2013, então um crescimento de R\$ 185 milhões), mas nós temos aqui um aumento no resultado financeiro líquido negativo em 33 milhões. E a explicação básica está colocada nesse box no lado direito, ou seja, o CDI na média do quarto trimestre de 12 era 6,8% e no quarto trimestre de 13 de 9,6, e também um efeito da atualização cambial: o câmbio estava a 2,03 na média de 12, 2,23 na média do quarto tri de 13. Então esses dois eventos são os principais que estão nesta primeira linha.

As atualizações cambiais de 49 milhões e o aumento líquido nos encargos sobre a dívida de R\$ 32 milhões. Os demais são valores menores, a redução de multas moratórias (as pessoas pagaram mais em dia nesse trimestre), 16 milhões, e aí um conjunto de outros de 29 milhões que envolve a atualização de ativos financeiros, UBP e outros efeitos.

A atualização de depósitos judiciais positivos em R\$ 81 milhões e efeitos não recorrentes no quarto tri de 12, que era basicamente a incorporação de redes e baixa de ativos. Aí uma redução pequena em depreciação e amortização de 1 milhão e imposto de renda pela maior base de resultado de 22 milhões positivos. Isso então explica o crescimento de 67% do lucro líquido reportado nesse trimestre.

Passando para a página 20 só para cobrir rapidamente os resultados de 13. Então em 13 a gente vê a receita líquida crescendo levemente e aí dois eventos: um evento a redução das tarifas em janeiro e do outro lado o crescimento das receitas principalmente pela adição de novos empreendimentos da CPFL Renováveis além da indexação dos contratos de geração de uma forma geral.

Quando a gente olha o Ebitda na base reportada um crescimento de 3,2% chegando a 3547 e quando a gente vai para a base gerencial (que seria a base mais correta para ser avaliada) um decréscimo de 8,3% (380 milhões), então nós vimos de 4600 em 12 para 4225 e o principal evento negativo são exatamente as revisões tarifárias verificadas.

E no lucro líquido uma queda de 258 milhões em relação... na base reportada chegando a 949 ou na base recorrente uma queda de 280 milhões chegando a 1358. Eu diria em grande medida os processos de avaliação do reportado para o gerencial são os mesmos: a consolidação proporcional da geração em ativos e passivos regulatórios respondendo por um acréscimo de 510 milhões, de 678 milhões na base do Ebitda e de 409 milhões na base do lucro recorrente da companhia.

E na verdade os eventos não recorrentes são os que estão colocados aqui, mas é basicamente os principais eventos a exposição à compra de energia por atraso na renováveis, a venda dos imóveis e os ajustes de despesas judiciais e outras contingências. São os principais elementos dessa variação.

Passo à página 21 só para dar mais um fechamento. Eu acho que isso é importante, a gente sempre tem compartilhado com o mercado a nossa estratégia de redução de custos. Começamos a fazer isso em 2011 quando começou o terceiro ciclo de revisões tarifárias de algumas das nossas concessionárias e a partir daquele momento tem que haver uma reação da companhia quase que simultânea a cada um desses processos.

Nós já estamos comprovando aqui uma redução de R\$ 236 milhões (é o box do lado direito). O lado esquerdo é nominal, redução de R\$ 53 milhões. Mas vocês sabem que as despesas em grande medida são indexadas à inflação, então quando a gente coloca em base real indexada nós estaríamos falando numa redução de 236 milhões em relação a 2011 ou de 107 milhões em relação a 2012. Isso se compõe tanto de uma redução de 12% na despesa de pessoal entre esses dois anos e uma redução de 17% em material, serviços e outros.

Eu acho que aqui o complemento importante é a liderança que área financeira da companhia faz em relação à implantação dessa sistemática que tem permitido uma gestão muito mais eficiente dos nossos custos e o resultado está aqui colocado: a companhia termina então o ano com 1353 de despesas comparáveis experimentando um crescimento nas suas operações e experimentando melhora de qualidade dos seus serviços prestados aos clientes.

Bom, o resultado que nós acabamos de compartilhar do lucro líquido do segundo semestre vai ser então distribuído na forma de dividendos. A gente vê na página 22, então nós vamos distribuir R\$ 568 milhões, o que corresponde a R\$ 0,59/ação, um yield nessa base semestral de 4,8%. É importante destacar que a companhia tem essa marca de distribuição importante de dividendos com o crescimento. Desde o IPO em final de 2004 nós já distribuímos mais de R\$ 11 bilhões na forma de dividendos.

E é uma empresa que cresce, que continua crescendo. Na página 23 a gente vê o nosso Capex previsto para os próximos quatro anos, lembrando que de forma firme a gente tem o azul que são as nossas obrigações na área de distribuição nas oito concessionárias, então a expectativa nesses

cinco anos é de investir R\$ 5,8 bilhões. No ano de 2014, R\$ 875 milhões, e já no ano que vem para o reforço do fechamento de base de ativos das distribuidoras, R\$ 1,3 bilhão. Mudamos de patamar aqui de investimentos a partir disso.

Na área verde são os investimentos em geração, notadamente em geração renovável com os projetos que nós já temos comprometidos porque ganhamos leilões ou porque já temos aqui os PPAs concedidos. Então evidentemente esse valor verde ele é menor para frente dada ainda a pouca visibilidade de projetos. A companhia tem participado de leilões, tem participado de projetos de mercado livre e esse valor pode aumentar, então nós só adicionamos aqui na fase de orçamento quando fechamos os projetos. Mas se trata talvez de uma das poucas empresas com investimento de 7,7 bilhões na base reportada ou de 7,2 bilhões referente à nossa participação nessas operações, então um investimento robusto de quase 1,5 bilhões por ano nessa base.

Fechamos aqui 24 com o tema da... na página 24 com o tema do endividamento, então fechamos aqui o ano com uma dívida líquida de 12,2 bilhões, um Ebitda ajustado de praticamente 3400 levando então a um ratio de 3,59, portanto abaixo do nosso limite de 3,75. O destaque do ano fica para o menor custo de dívida bruta que tivemos desde que medimos, de 2,4% real e de 8,4% nominal, quer dizer, então nos dois casos são os menores indicadores desde que a gente mede e isso é fruto naturalmente da composição dessa dívida: 62% em CDI, 28% em TJLP que está hoje a 5%, e os prefixados (os PSIs) nós temos 7%. O IGP corresponde à dívida com a Fundação Cesp.

Uma situação de caixa confortável na página 25. Fechamos então dezembro com 4,2 bilhões em caixa e isso permite uma cobertura de 2,7x as amortizações de curto prazo. Lembrando que essa dívida é adequadamente bem distribuída: prazo médio de 4 anos e no curto prazo nós temos apenas 11% do total da dívida.

Só dar um highlight na página 26 dessa associação com a Dobrevê Energia (DESA). Essa operação foi anunciada recentemente e trata-se de uma das principais empresas independentes de energia renovável brasileira com 330 MW de capacidade total contratada.

Vocês veem aqui uma enorme sinergia desses ativos com os ativos de CPFL Renováveis, então os ativos numerados no estado do Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Mato Grosso, Santa Catarina principalmente, combinando PCHs, eólicas... PCHs onde nós temos PCHs e eólicas onde temos muitas eólicas.

Então isso vai permitir uma operação bastante sinérgica desses ativos que estão relacionados aqui. Os primeiros quatro já estão em operação e o (4) Morro dos Ventos uma construção eólica para entrar no primeiro trimestre de 2016 com 29 MW e a PCH Mata Velha no segundo trimestre de 2016 com mais 24. Então dos 330 280 em operações (já em operação) e essa associação mantém a CPFL ainda como líder de energia renovável na América Latina com cerca de 1700 MW em operação e mais 436 em construção, totalizando então 2131.

Só detalhando os dois parques, os dois projetos que nós concluímos agora: o complexo Atlântica que concluímos ao longo desse mês de março, o começo do mês de março. Então são quatro parques Atlântica no Rio Grande do Sul. A gente vem iniciando operação desde novembro de 2013. Os atrasos se devem à complexidade da instalação de turbinas de grande porte (é a maior turbina brasileira de geradores eólicos de 3 MW com torres de 120 m) e então nós desde novembro vínhamos instalando mas enfrentamos ventos de rajada, é difícil, instalação de madrugada, etc., e concluímos agora o último parque (o Atlântica IV). Esse projeto então tem um PPA até 2033 e a receita anual estimada é de 76,7 milhões.

E aqui só fechando nós fizemos o fechamento, o closing da operação de Rosa dos Ventos que anunciamos na época do IPO e nós estamos falando aqui de cerca de 14 MW instalados com uma receita próxima de R\$ 15 milhões por ano.

Na página 28 só para também cobrir os eventos que estão em construção: Macacos é o próximo parque a ser concluído agora já neste mês de abril, então entra nesse segundo trimestre. Nós já estamos com 14 torres montadas e 20 aerogeradores. O complexo... os demais projetos Campo dos Ventos, São Benedito e o complexo Pedra Cheirosa que ganhamos recentemente, com os prazos aqui colocados já em processos de contrato de fornecimento firmados, todos eles já com o enquadramento no BNDES.

Página 29 para falar do desempenho das ações. As ações do setor elétrico em particular enfrentaram no ano de 2013 desvalorização e isso ocorreu conosco também: caímos 7%, o IEE caiu quase 9, o Ibovespa caiu 15, lembrando que esses últimos dois dias tivemos uma melhora importante.

Aumentamos o número de negócios. Tivemos uma queda no volume diário das operações principalmente em Nova York (isso é fruto do tema do câmbio) e em Nova York os nossos ADRs, devido a essa desvalorização em reais teve uma queda de 19% contra 12,5% dos ADRs brasileiros lá em Dow Jones. O Dow Jones subiu 27%.

Eu falei que a gente continua na nona edição do ISE, da nossa carteira, então a CPFL é uma das companhias, das 40 companhias listadas nesse índice.

Vou fechar aqui com reconhecimento de várias áreas, acho que é importante: qualidade de serviço pela Aneel; a RGE, nossa concessionária do sul, ganhou o prêmio de melhor distribuidora de energia elétrica da América Latina do CIER; no tema da segurança é importante, todas (RGE, CPFL Geração, Santa Cruz e Sul Paulista) reconhecidas no tema segurança de trabalho pela Medalha Eloy Chaves (tradicional no setor); e o tema de sustentabilidade como eu falei nós participamos do Sustainability Yearbook pela RobecoSAM's, a CPFL é uma das três empresas brasileiras de energia.

Peço desculpas, nos alongamos um pouco. Eu acho que era necessário fazer essas explicações iniciais, mas junto com minha equipe estamos à disposição para perguntas. Obrigado.

Sessão de Perguntas e Respostas

Operadora: Senhoras senhores, iniciaremos agora a sessão de perguntas e respostas. Para fazer uma pergunta por favor digitem asterisco um e para retirar a sua pergunta da lista digitem asterisco dois.

Nossa primeira pergunta vem do Sr. Pedro Manfredini, Credit Suisse.

Sr. Pedro Manfredini: Bom dia, bom dia Wilson, obrigado pelo call. Eu tenho uma série de perguntas mas eu prometo que vou focar em duas principais: a primeira é quanto à questão de Serra da Mesa. A gente sabe que tem esse contrato, você até mencionou esse contrato vencendo agora no curtíssimo prazo e vocês têm uma decisão, eu acho, importante para fazer principalmente por conta do A-0 que o governo deve fazer também no próximo mês.

Eu queria entender qual a cabeça da CPFL para a questão de preço. Eu sei que isso é uma questão no final estratégica e tudo mais, mas como é que vocês vão pensar a questão de preço na hora de decidir alocar ou não parte ou toda a energia de Serra da Mesa nesse leilão ou em algum outro tipo de contrato?

Vocês vão de repente prezar mais por um contrato mais de longo prazo, ou seja, aquela rolagem com Furnas que vocês estavam planejando a um preço menor ou se o preço de Serra da Mesa for um preço mais adequado, mais alto, alguma coisa pensando no preço spot que vocês têm na cabeça para os próximos cinco, seis anos vocês levariam isso em conta? Eu queria entender um pouco a cabeça da CPFL, a estratégia para vender essa energia.

E a segunda pergunta é na parte do Opex. Eu queria saber o seguinte: a gente vê todas as distribuidoras tendo uma dificuldade incrível para conseguir reduzir Opex e vocês conseguiram esse trimestre mais uma vez reportar uma bela duma redução. Eu me pergunto até onde vocês conseguem levar essa redução de Opex para frente. Será que a gente já chegou num ponto que não tem mais muito o que fazer ou você acha que ainda tem mais trabalho a ser feito, que tem mais espaço dentro da CPFL, dentro das subsidiárias para conseguir uma redução adicional? Obrigado.

Sr. Wilson: Pedro, obrigado pelas perguntas. Com relação à SEMESA a nossa estratégia para os ativos de grande porte de geração sempre foi contratos de longo prazo. Então é estratégia preferencial da companhia. Evidentemente nós acabamos sem querer ficando numa situação confortável para definir alternativas, mas certamente nós acreditamos, primeiro, que o governo colocará um preço capaz de seduzir detentores de ativos como o nosso para essa operação de quase seis anos que ele vai oferecer.

Deve ser essa... a nossa expectativa eu não tenho como especular com relação ao que pensa o governo, só compartilhar que estivemos com o governo, manifestamos o nosso interesse em participar, evidentemente sempre vinculado a um tema de preço. Nós vimos preços crescendo. Se a gente for olhar eu acho que o governo deu um sinal já no ano passado, no final do ano passado, como um leilão A-1 de uma melhora dos preços desvinculando talvez de médias passadas.

E certamente eu acho que o governo tem hoje uma responsabilidade importante de talvez cobrir essa exposição involuntária com ativos que estão hoje no mercado e que obviamente estão olhando o PLD, e na condição que eu coloquei para vocês o PLD vai ficar alto ao longo do ano inteiro, mas como eu falei: ele deve cair de uma forma expressiva no ano que vem fruto, no mínimo, da entrada em operação de um grande volume de energia conforme nós já havíamos colocado.

Então a companhia não deve olhar exclusivamente o preço de curto prazo; ela tem que imaginar que se a gente vai ficar - eu fiz questão de colocar essa curva de sobreoferta ao longo dos próximos anos - onde se a gente não tem problema hidrológico os preços tendem a ficar baixos. Então evidentemente a opção de ingressar nesse leilão num preço razoável, mais alto do que a gente tinha no final do ano nos leilões A-1, é certamente a opção preferencial da companhia nesse momento.

Nós vamos avaliar, avaliar a alternativa de ficar exposto? Não é da lógica ou da estratégia da nossa companhia. Então a preferência da empresa - e nós tentamos com Furnas - mas diante dessa circunstância e dado que o contrato conclui agora no dia 30 (semana que vem) a preferência da companhia é de colocar o empreendimento Serra da Mesa de 345 MW médios no leilão A-0 que vai ocorrer agora no dia 25 de abril. Essa é a opção que nós temos preferência.

No que diz respeito a Opex você falou bem: existe ainda obviamente um resíduo de redução de custos que não foi capturado ainda desse ano inteiro, porque como eu falei tema do Tauron, que envolve principalmente automação das nossas operações em campo e telemedição de consumidores... esse projeto ainda está em curso, então existe ainda um potencial de redução decorrente da implantação de 100% dessa tecnologia na área de serviços das nossas oito distribuidoras.

A partir daí nós chegamos, eu diria assim, num ponto de altíssima eficiência. Eu imagino que talvez na lógica desses preços que estão aqui talvez a gente esteja chegando próximo dos R\$ 300 milhões, que era mais uma referência que a gente perseguia. Daí para frente, eu diria assim, só com um ganho de escala nas operações, então a importância de eventos de consolidação. Vocês sabem que tem eventos importantes de renovação de concessões no ano de 2015 (pequenas concessionárias), o que permite para a gente continuar crescendo nessa área com grande eficiência.

Evidentemente essa situação mais difícil do setor ela acaba... e a desvalorização das ações das empresas ela acaba criando um conjunto de oportunidade e a nossa companhia está muito segura nesse momento, quer dizer, uma posição fortalecida de caixa, uma posição de eficiência operacional bastante também destacada em cada uma das atividades onde está envolvida: geração, geração renovável, distribuição e comercialização. Quer dizer, nós estamos chegando, no que diz respeito ao tema de Opex no nível de máxima eficiência e que para continuar eu não acredito... daí para frente coisa residual certamente tem porque a gente tem ganho de escala natural pelo crescimento das operações, mas não dá para imaginar que a gente vá ter um degrau como que a gente teve ao longo desses últimos dois anos num tempo tão rápido.

A gente pode imaginar... a CPFL tem crescido em termos de produtividade algo entre 3% e 4% real ao ano. É algo que a gente pode imaginar para frente fruto da continuidade do nosso esforço em torno de redução de custo. É uma obrigação nossa. Mas com processos mais disruptivos como os que a gente estabeleceu com o OBZ, com Tauron e com o centro de serviços compartilhado não dá para imaginar no curto prazo reduções como essa.

Sr. Pedro: Tá ok, tá ok Wilson, obrigado pelas respostas.

Operadora: Nossa próxima pergunta vem do Sr. Felipe Leal, Bank of America.

Sr. Felipe Leal: Oi, boa tarde a todos. Eu queria fazer duas perguntas, primeiro em relação ao pacote anunciado pelo governo. Do ponto de vista de vocês já está bem equacionada a questão do empréstimo da CCEE, as garantias ao redor disso? Você acha que tem algum risco para as empresas eventualmente se as tarifas não cobrirem as quantias previstas?

Eu lembro que lá em 2001 no racionamento a tarifa extraordinária, a RTE, em alguns casos chegou a não cobrir o total e o governo ele tiveram que arcar com esse prejuízo. Vocês entendem que dessa vez estará melhor equacionado?

E a segunda pergunta é em relação ao WACC regulatório de distribuição, se dá para ter alguma leitura dessa última decisão da Aneel em relação ao WACC das geradoras renovadas, das geradoras que viraram cota, o 7,16 de WACC se tem alguma leitura para o setor de distribuição disso na visão de vocês.

Sr. Wilson: Felipe obrigado pelas perguntas. No que diz respeito ao pacote eu diria nós gostamos muito do pacote, em primeiro lugar porque gerou de novo uma solução de mercado ao invés de

uma solução, ou da continuidade de uma solução de dependência. Evidentemente que é um processo que requer cuidado porque o pacote em si... o objetivo é de alguma maneira é mitigar aumentos grandes e extraordinários de tarifa que seriam acompanhados no ano seguinte por reduções.

Então ele tem esse mérito de tentar colocar junto ao consumidor ou criar esse quase que um colchão de liquidez que permita fazer com que os aumentos sejam mais comportados, e de outro lado ingressar caixa, o caixa suficiente para cobrir essa chamada eventualidade hidráulica que nós estamos vivendo. Então ele tem essa engenhosidade de criar uma estrutura intra-setorial para enfrentar esse tipo de adversidade.

Então eu diria assim viável? Totalmente viável. Problemas, imaginamos algum tipo de problema no ingresso desses recursos? Não imaginamos nenhum. Eu diria que hoje talvez o grande cuidado que a gente tem se debruçado com o próprio governo que tem se relacionado muito com as companhias - semanalmente nós temos tido, estado juntos - é o cuidado da gente ter a adequada contabilização desses ingressos especialmente nas distribuidoras por conta do efeito do IFRS.

Então aperfeiçoamentos possíveis na forma de contabilização desse ativo regulatório é que estão sendo objeto hoje de maior atenção tanto da agência reguladora quanto dos agentes para que a gente possa, na interação com os órgãos de controle (principalmente CVM e IBRACON) ter esse ativo muito robusto.

E exatamente com cuidado de não verificar aquilo que aconteceu, como você lembrou, em 2001. Esse custo qualquer que seja ele - e ele pode decrescer agora com o sucesso no leilão A-0 - ele pertence ao consumidor. Esse custo não é das distribuidoras; a distribuidora não tem esse risco de mercado se contratada dentro dos limites adequados, e recentemente nós temos a possibilidade de estarem entre 100 e 105%.

Então eu diria as concessionárias não têm problema hoje no que diz respeito ao nível de contratação delas - nenhuma delas. Então é necessário, sim, uma acuracidade na apuração desse ativo regulatório e esse ativo regulatório é uma dívida que é intermediada pela distribuidora mas é uma dívida do consumidor. É a ele que vai ser levada essa conta.

Bom, no que diz respeito ao WACC regulatório a gente já tinha conversado com vocês, vimos conversando com vocês já há algum tempo. Eu acho que nós chegamos num ponto de inflexão com os ativos regulatórios que não estavam sendo mais capazes de atrair investimentos racionais.

Então tal como o câmbio que se diz que flutua o caso do WACC tem... o WACC ele tem uma metodologia consagrada não no Brasil, no mundo. O Brasil talvez tenha até - a gente observou isso nas últimas revisões tarifárias - o Brasil acabou eu não digo ignorando, mas desconsiderando algumas componentes que talvez não devesse fazer.

Eu acho que o evento do 7,16 (portanto uma subida em relação a um passado recente) tem esse poder de trazer de novo, de voltar para a atração de capital. Ele já implica então uma taxa de retorno mais alta no equity e eu acredito que vai acontecer exatamente a mesma coisa com a distribuidora, ou seja, as parcelas que estão aqui consideradas elas... está subindo muito mais por aumento da perspectiva de remuneração do capital próprio do que por uma degradação do custo de capital de terceiros.

E isso tem um sinal claro: vamos retomar a atratividade do setor para investimento. Não é... é bem verdade que isso não é uma característica que ocorreu exclusivamente no setor elétrico; ela talvez

tenha sido iniciada com a colocação de WACCs mais atrativos principalmente para a área de rodovias e outras áreas da infraestrutura. Então é um movimento que eu acho que veio para ficar e importante para que a gente tenha a partir de agora uma atração adequada, segura de investimentos para infraestrutura como todo, em particular para o setor elétrico.

Eu acho que a mensagem de leilões que não tiveram participantes ela de alguma maneira sensibilizou a área regulatória e a gente está vendo só de alguma forma o reconhecimento disso.

Sr. Felipe: Tá certo, muito obrigado.

Operadora: Novamente senhoras e senhores, caso haja alguma pergunta queiram por favor digitar asterisco um.

Nossa próxima pergunta vem do Sr. Pedro Manfredini, Credit Suisse.

Sr. Pedro Manfredini: Oi Wilson. Voltando à minha lista de perguntas eu queria só voltar para esse tema que o Felipe trouxe que é a questão do WACC. Os investidores foram convidados para irem até Brasília discutir um pouco com a Aneel - eu acho que a discussão principal deve ser em volta do quarto ciclo – e eu queria ouvir um pouco de você quando vocês esperam, quando as empresas esperam que a gente tenha uma conclusão a respeito do quarto ciclo?

Porque imagino eu que a gente esteja perto de um deadline, de algum tipo de conclusão, e para a gente fugir daquele risco que teve lá no terceiro ciclo daquele atraso que teve e acabou gerando uma confusão para algumas empresas, basicamente uma bolha tarifária muito grande para ser amortizada.

Quando é que vocês esperam que tenha algum tipo de cor? Quando a gente começa, ou vocês mesmos, quando vocês começam a receber mais informação da Aneel, mais definições sobre todos os parâmetros do quarto ciclo?

E uma segunda pergunta você falou, comentou de M&A, de consolidação. A CPFL sempre está envolvida em discussões de consolidação por ser um dos maiores players do setor, é óbvio, e eu queria ouvir um pouco de você como é que estão as discussões, se vocês avançaram alguma coisa do trimestre passado para agora, se mudou alguma coisa no panorama ou se continua a mesma coisa em distribuição e geração se vocês estão olhando alguma coisa fora de renováveis. Obrigado.

Sr. Wilson: Eu acho que está mais fácil de responder a sua primeira com relação ao WACC. Veja, eu acho que tem dois elementos importantes a destacar aqui: primeiro é que pela primeira vez esse processo de desenvolvimento dos parâmetros ele teve um projeto anunciado numa audiência pública da Aneel e ela vai transcorrer ao longo do ano de 2014.

Nós não estamos esperando que nós tenhamos todas as definições rapidamente, e só queria destacar que acho isso positivo porque isso pressupõe não só o escopo do que eles estão... do que eles vão avaliar ou reavaliar ao longo do ano.

Então essa audiência pública tem esse poder de explicitar toda a abrangência do projeto e ela tem sido desenvolvida - e a gente é testemunha, o próprio fato de vocês terem sido chamados lá - de ter uma relação mais próxima com os agentes, com vocês do mercado financeiro, investidores, etc., e com os agentes propriamente ditos, os operadores dessas concessões.

Então eu diria, Pedro, não é um problema para nós desde que a gente tenha ao longo deste ano... o processo começa no ano que vem e há tempo suficiente para uma boa discussão, uma discussão madura. É importante que ela seja feita com esta calma, nós temos tempo; mas que ela de fato seja - e vocês têm uma importância nisso - de colocar as condições.

Ao país interessa ser atrativo para esses investimentos para que esses investimentos de fato ocorram. Então é óbvio que as condições de contorno econômico-financeiras, condições de captura - porque eu acho que a gente exagerou no último ciclo - possam ser aqui retomadas e colocadas em bases que, de novo, garantam que o investimento ocorra. Não adianta a gente ter um sistema que parece que vai ser barato e não ocorre; não ocorre nem no investimento, nem na qualidade do serviço e nem na saúde financeira dos operadores.

Então eu acho que nós estamos vivendo um momento importante de inflexão nessa curva e de discussão adequada com a cadência e o prazo necessário para que a gente faça esse aperfeiçoamento. É importante que o faça para que a gente possa, de novo, um setor que é sempre olhado na infraestrutura como uma base para o começo do desenvolvimento, ele seja exemplar para os demais setores.

Com relação ao M&A, Pedro, é difícil a gente colocar isso para você; nós não temos... o cenário dos últimos meses é o cenário que retraiu a maior parte dos agentes nesse tipo de operação. Isso não impediu, por outro lado, que a gente anunciasse recentemente aqui a própria transação com a DESA no caso da Renováveis, e no caso até utilizando um parâmetro que é o capital, as ações da CPFL Renováveis como forma.

No setor de geração renovável certamente há um nível muito grande de pulverização desses ativos. É importante que eles sejam consolidados porque se a gente tem uma perspectiva de que a energia renovável vá adquirir um papel mais relevante, ela mais do que dobra de participação, quase que triplica de participação se a gente for pegar o decenal em curso, isso vai exigir dessas companhias seriam muito competitivas nos processos de leilão e no próprio desenvolvimento de instrumentos para o mercado livre.

Dessa maneira é impossível você imaginar que possa haver players muito pequenos aqui crescendo. Não ocorrerá, e diante dessa perspectiva e dada a necessidade desses próprios investidores de liquidez para esses investimentos que fizeram a gente imagina que nós teremos aqui... vai continuar um processo importante de consolidação e certamente nós somos um dos agentes que vê nesse setor, dada já a nossa liderança, a possibilidade de continuar crescendo criando o valor para os acionistas.

Não se trata, de novo, de crescer market share, nunca foi o nosso objetivo; se trata de crescer criando valor, ou seja, nós vamos manter a plataforma da Renováveis crescendo com taxas de retorno adequadas e obviamente capazes de compartilhar com o mercado o quanto de valor nós estamos criando nessas transações.

E isso é possível, porque lá atrás esses investidores entraram em condições diferentes, então hoje é possível esses caras saírem em boa condição e nós obviamente estarmos fazendo essas aquisições com taxas de retorno que são bastante adequadas em cima desse setor.

No caso então é onde eu vejo atividade na área de geração. Eu não vejo atividade de consolidação da geração de grande porte neste momento, até porque são poucos os players privados envolvidos nessa transação.

No que diz respeito às distribuidoras, veja, os eventos são os mesmos: nós ainda não temos uma definição do que vai ocorrer com as distribuidoras da Eletrobrás, nós ainda não temos uma definição muito clara do que vai acontecer - e se vai haver interesse - de distribuidoras pequenas fazerem renovação dessas concessões. Então eu diria esse caso ainda tem uma cadência e talvez nos próximos seis meses - talvez até menos - ele deve sofrer transformações.

Mas a partir daí haverá, eu acho, um novo ciclo de consolidação que é importante também para o país. Por quê? É uma concessão de distribuição que já opera com nível de eficiência muito grande. Você vê o esforço que a CPFL está fazendo para poder recuperar a perda de Ebitda que teve no processo de revisão tarifária - e nós ainda temos escala, temos capacidade de investimento em tecnologia, em inovação para fazer isso. Certamente empresa pequena e média não consegue fazer.

Eu até falo: uma versão do SAP R3 na versão 6 se não é a CPFL que opera essas pequenas distribuidoras elas vão ter nunca. Elas não têm como fazer uma implantação desse tipo de tecnologia até porque não há um reconhecimento adequado na Core, etc. Então eu diria só consegue fazer quem tem essa escala, quem tem a possibilidade de comprar. Nós estamos comprando para operar 30 plataformas em termos de CNPJ, não é só as distribuidoras.

Então eu diria que esta condição, dado que você tem praticamente 30 das 40 concessões que vão vencer são concessões pequenas, vai ter movimento sim, e aí tem os movimentos que eu acho que pós esse período de definições de quais seriam os parâmetros do quarto ciclo certamente os próprios grandes agentes vão ter definições novas.

Então eu acredito numa perspectiva de consolidação a partir do segundo semestre com base na conclusão dos parâmetros e a própria decisão do que vai acontecer com os pequenos.

Eu acho que a gente... de novo, faz parte da nossa estratégia de um lado a inovação em processos capazes de produzir esse nível de eficiência que a gente compartilhou e do outro lado certamente ambição de crescimento, talvez utilizando mais nesse momento o tema, por exemplo, tal como fizemos no caso da Renováveis utilizar as ações para fechar uma operação desse tipo.

Sr. Pedro: Tá ótimo Wilson, obrigado de novo.

Operadora: Novamente senhoras e senhores, caso haja alguma pergunta queiram por favor digitar asterisco um.

Nossa próxima pergunta vem da Sra. Lilyanna Yang, UBS.

Sra. Lilyanna Yang: Olá, obrigada pela oportunidade. Uma pergunta em relação aos investimentos: eu não sei se já foi comentado, mas o investimento nesse quarto tri foi um pouquinho abaixo do esperado e eu estou vendo que também tem uma queda dos investimentos esperados agora nos próximos anos para distribuição. Poderia dizer o porquê e se isso tem a ver com o fato de um potencial desaquecimento aqui da economia ou algum outro fator?

E também eu gostaria de sua indicação se já não deveria ter, dada essa apresentação sobre os níveis de reservatório e a hidrologia estar realmente muito volátil, de não estar começando o Brasil com uma forma de racionamento... ou não racionamento, mas redução de consumo incentivado ou preventivo mas pegando na verdade os residenciais? Obrigada.

Sr. Wilson: Começando pelo tema de investimento. Na verdade eu acho que o que está acontecendo aqui, certamente no ano passado você vê que a gente teve R\$ 850 milhões na distribuição e ele está se expandindo ao longo deste ano. O ano de 2015 é o ano em que a gente começa a fechar a base, então tem muito investimento principalmente de subestações, etc., que são conclusos aqui no primeiro semestre e principalmente é o acréscimo para fechar a base da Piratininga, que é a nossa companhia que já vai ter a revisão em 2015.

E aí nós temos aqui praticamente a manutenção desses valores para fechar a base de Paulista e RGE, que são as grandes companhias nossas. Então eu diria nós estamos, sim, mudando de patamar, mas esse patamar está refletindo no caso aqui basicamente o fechamento da base da Piratininga no primeiro semestre de 2015 e aí o nosso esforço de fechar as bases de Paulista e RGE (que são bases de 5 anos e não de 4), então ela nos dá essa possibilidade de fechá-la num tempo um pouco maior.

Nós obviamente também temos gerenciado isso em função da... a economia cresceu menos, você tem razão, e isso acabou fazendo a gente ter uma necessidade um pouco menor de alguns investimentos, mas ela não é significativa a ponto de falar: olha, houve uma mudança de comportamento por conta da economia. Não há, não há.

A gente cresceu só para dar... nós crescemos muito mais do que imaginávamos numa linha que seria ligação de clientes porque ligamos mais clientes ano passado; mas obviamente no tema dos reforços de subestações nós fizemos até teve um ligeiro ajuste na entrada em operação dessas... principalmente subestações porque sentimos o sistema com o um ligeiro alívio possibilitando à gente fazer um cronograma que fosse mais adequado para a própria companhia até em função de condições financeiras.

Mas eu não diria a você que há uma mudança de estratégia; a estratégia é investir mais do que a depreciação regulatória, investir em tecnologia para que a gente possa ter também, capturar um nível maior de eficiência e de redução de custos operacionais.

E apenas quando a gente olha a perspectiva do verde, que seria a de geração renovável, a gente só coloca os empreendimentos que nós já temos a decisão de investir. Então a gente pode ter uma impressão... se você for olhar esse próprio gráfico nós estamos com cinco anos de distribuição cheia mas só estamos com dois anos de geração cheios. Então se a gente tivesse a manutenção desse mesmo nível de investimento na geração renovável nós estaríamos falando de praticamente de 2 bilhões de investimentos anuais ou quase R\$ 10 bilhões nesse período. Então é essa a circunstância desse momento.

No que diz respeito ao tema que você fez referência eu não sei se eu entendi direito mas você estava dizendo se não seria adequado, dada a situação atual, de se fazer uma racionalização no segmento residencial.

Eu diria que não, e vou dizer por dois motivos: primeiro porque eu acho que a gente está tendo um nível de consumo que está atípico nesses primeiros dois, três meses do ano, especialmente por conta de temperatura. Agora a partir de abril com a entrada do próprio outono, etc., nós já teremos naturalmente uma redução desse nível de consumo que foi alto em algumas concessionárias - aqui também foi.

E eu tentei explicar que basicamente por conta de temperatura você tem o principal equipamento consumidor de energia da sua casa, que é a geladeira, consumindo o dobro ou às vezes até o triplo sem que você tenha a capacidade de fazer a gestão sobre esse equipamento. Trata-se de

um consumo adequado (as geladeiras hoje são bastante eficientes) e elas só têm essa disparada de consumo por conta do efeito temperatura e como a gente vai entrar agora num clima mais ameno certamente esses consumos ficarão mais comportados. Esse é o primeiro ponto.

O segundo ponto: você... se a gente for olhar a quantidade de equipamentos que as casas têm hoje vis-à-vis o que tínhamos em 2001, época em que houve efetivamente o racionamento, nós vamos encontrar mais equipamentos e muito mais eficientes do que a gente tinha naquela ocasião.

Então a racionalização é uma obrigação. O ministro tem colocado isso e eu acho que a gente deve, sim, consumir energia com a disciplina de evitar o desperdício; mas não há um sinal necessário para uma redução para além daquilo que é o desperdício que cada um de nós deve fazer, e deve fazer porque o nosso consumo... nós estamos consumindo energia num momento em que o custo disso é grande. Então quando naturalmente tudo o que você conseguir não consumir de uma forma racional pela eliminação exclusivamente do desperdício é algo que fará bem inclusive para o bolso.

Do outro lado é sempre importante você ver que nós vamos estar gerando daqui para frente sempre com energia... com uma base mais forte de energia térmica, então evidentemente os processos de racionalização eles acabam gerando inconscientemente um nível de GSF maior, o que não é adequado.

Então eu diria que se a gente tiver que ter uma decisão eu iria pelo consumo racional e eficiente porque como consumidor - e a gente ainda como operador - sabe que o custo que a gente está cobrando hoje é menor do que aquele que será levado por conta dessa exposição involuntária e geração de térmicas. E porque obviamente uma racionalização involuntária pode gerar, sim, um GSF alto para as geradoras, algo que também não seria adequado neste momento.

Sra. Lilyanna: Ok obrigada.

Operadora: Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaria de passar a palavra ao Sr. Wilson Ferreira Jr. para as considerações finais.

Sr. Wilson: Novamente eu gostaria de agradecer a atenção que tiveram a essa nossa conferência de resultados e destacar do nosso lado a importância dos resultados que apresentamos no sentido de concluirmos mais uma fase importante de investimentos na CPFL Renováveis, e isso estabelece um novo patamar de resultados para companhia a partir de agora, e obviamente pelo reflexo nós, como controladores, refletindo em CPFL Energia.

Do outro lado esse compartilhamento que tivemos num esforço bastante consistente e permanente da companhia em termos da sua eficiência em custos, então poder compartilhar essas reduções é algo importante para nós. Nós somos focados no tema da eficiência e aqui a notícia importante é dizer: olha, nós ainda não concluimos esse trabalho e temos algumas coisas principalmente na área de operações para serem concluídas ao longo deste ano.

Eu entendo que o tema do crescimento da companhia continua sendo algo importante. Então a companhia continua mobilizada porque entende, seja na área de renováveis seja na área de distribuição, que o momento levará a processo de consolidação.

Temos uma crença importante no nosso regulador pelas interações que temos tido seja para o evento de saneamento financeiro da exposição involuntária e das termelétricas, seja no evento de construção do novo ciclo de revisões tarifárias.

E obviamente o assunto que tem sido o assunto mais discutido desses últimos tempos só revelar a vocês que nós temos a possibilidade de terminar o ano muito bem e temos a possibilidade de terminar o ano não tão bem. Agora de novo: quem pode determinar e ir para um lado ou para outro não está sobre o comando de nenhum de nós, nem agentes, nem investidores.

Então eu prefiro sempre apostar naquilo que pode ser feito para que a gente tenha uma situação melhor. Isso vai ser melhor para o setor, para as empresas, para os consumidores e para os investidores. Se tiver que torcer por alguma coisa torça por chuvas porque ela é aquela capaz de tornar essa situação, eu diria, suportável para todos e melhor para todos.

Nós preferimos sempre apostar no meio copo cheio, e há coisas que podem ser feitas. Eu acho que a gente construiu agora uma solução com o governo para esse saneamento financeiro. É algo importante. O setor é um setor que movimenta muito recurso (são mais de R\$ 100 bilhões por ano) e era importante que a gente não tivesse nenhum risco de liquidez, em particular nas distribuidoras que acabam sendo os garantidores da cadeia inteira do setor elétrico. São elas que garantem os PPAs, são elas que garantem os contratos de compra de transmissão, são elas que atendem o consumidor.

Então esse segmento não pode ser prejudicado. Então é com muita satisfação que a gente vê que a solução foi gerada rapidamente e é uma solução que, de novo, permite que seja uma solução intra-setorial e que possa ser utilizada sempre que for necessário.

Eu acho que tem aprendizados nesse momento aqui. Nós poderíamos ou deveríamos estar com mais energia térmica no sistema. Algumas termelétricas não foram sequer iniciadas, então isso aqui só demonstra que é necessário ter um nível ótimo de composição desse parque hidrotérmico e eu acho que tem aí um conjunto de lição de alguns agentes de processos de desenvolvimento de leilões, de qualificação de empreendedores ou de investidores para que esse sistema fique cada vez mais robusto.

Eu acho que da nossa parte nós estamos entendendo que essas lições estão sendo endereçadas, estão sendo incorporadas a todos os que detêm condições de desenvolver esse setor.

Então a gente vê o ano com uma perspectiva importante de crescimento de vendas de energia. Continuamos vendo como oportunidades de leilões e como eu falei o nosso principal ativo deverá estar aqui nesse leilão do próximo dia 25.

Então nós fechamos esse trimestre com bastante otimismo em relação às perspectivas futuras.

Muito obrigado de novo pela atenção a essa conferência.

Operadora: A áudio conferência da CPFL Energia está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham uma boa tarde.
